

YHWH LHE FECHOU O ÚTERO

Uma leitura de 1Sm 1,1-28

*Assessora do Centro Bíblico Verbo, Professora das Faculdades Claretianas.

*Enilda de Paula Pedro**

Resumo:

A a. partindo de uma reflexão sobre a bênção dos filhos — ou a maldição de sua ausência — busca compreender a perícopes bíblica de Ana. Num primeiro momento estuda a redação do texto 1Sm 1,1-28 a partir de alguns autores como M. Noth e redação única no exílio, de F. Cross e seus dois momentos, por fim a de N. Lohfink e as múltiplas camadas redacionais. A seguir analisa o texto de modo mais próximo buscando compreender a dinâmica do mesmo e a sua estrutura quiasmática. A consideração de certas palavras-chave como shahah, hekhal, kisse, etc. permite o estabelecimento das linhas da mentalidade subjacente ao texto e sua teologia: templo, retribuição, YHWH. Finaliza com reflexões que podem ser inferidas tanto em termos da compreensão do texto em maior profundidade como em termos da vida cotidiana atual.

Chaves:

Bíblia: Ana, Bíblia: 1 Samuel

INTRODUÇÃO: ENTRANDO NO TEXTO PELA PORTA DA VIDA COTIDIANA...

Estávamos fazendo uma visita costumeira às famílias do bairro onde morávamos, numa ocupação de terra. Chovia fino... A mãe-terra, as plantas, as pessoas acolhiam a gratuidade da água esperada há mais de três meses! Entramos na casa de Teresa¹ que foi logo dizendo:

Eta chuvinha boa! Para nós do Nordeste a chuva é sempre sinal de esperança, de bênção. Estamos como a terra do sertão pedindo chuva para fazer a terra produzir! Na seca, a

1 Teresa de Jesus, 45 anos, casada, tem 4 filhos e uma neta. É agente de Pastoral das CEBs e Movimento por terra e moradia. Mora em Guaianases, São Paulo, capital. Está cursando o 5º ano de Direito.

vida fica ainda mais dura. É como nossa vida de mulher, pobre, negra, com mais de quarenta anos. É terra que não produz! São quatro motivos para ser amaldiçoada e excluída nessa sociedade! Mas, minha primeira experiência de me sentir amaldiçoada pela sociedade vem de longe. Sou nordestina. Casei-me com 19 anos. Só depois de quatro anos de casada consegui me engravidar. Imagine o que isso significava?! Todo mundo me dizia: ‘mulher que não gera filho é amaldiçoada’.

Como eu não tinha filho, naquela vida pacata do interior, eu não tinha nada para fazer. Então li a Bíblia de ponta a ponta. O que me chamava atenção era a questão da mulher estéril. Li a história de Sara, Ana, não sei mais de quem. Eu lia, mas não conseguia entender. E aí continuava com minha amargura, com minha tristeza de não poder ser mãe. Eu achava que nunca poderia gerar um filho. Sonhava com um filho homem. Cheguei a sonhar mesmo com meu filho. Principalmente porque minha irmã sofria repressão por parte do marido por não ter gerado um filho homem. Ela tem três meninas. Cada criança que nascia, o marido xingava, não ia buscá-la na maternidade. E ela não conseguiu gerar um filho homem. Aquilo se tornou uma tortura para mim, que via minhas amigas, vizinhas, colegas do tempo de escola com dois filhos e até mais!

Teresa parou de falar por uns segundos e de repente perguntou à queima roupa: *É maldição mesmo não ter filho? Maldição de quem?*

Voltamos para casa remoendo as perguntas de Teresa... fomos procurar a Bíblia... Por que Teresa partiu do fato da chuva para falar de sua situação de mulher?... O que uma coisa tem a ver com a outra? Encontrando a Bíblia, procuramos a história de Ana: 1Sm 1,1-28, com essas perguntas de Teresa no coração e na cabeça: *É maldição mesmo não ter filho? Maldição de quem?*

Em 1Sm 1,1-28, Ana e Penina também sofrem... O que gera tanta dor? Será que é a mesma dor de Teresa? À primeira vista, o texto trata de um conflito entre as duas mulheres porque uma é fecunda e a outra estéril e o causador da esterilidade é YHWH, que fechou por completo o útero de Ana. Mas, quem é esse YHWH que fecha o centro gerador de vida de uma mulher, se em Is 66,9 encontramos exatamente o contrário: *Por acaso eu que abro o seio não farei nascer?, diz YHWH. Se sou eu que faço nascer, impedirei de dar à luz? Diz o teu Deus.* A experiência concreta da vida e a oposição entre as imagens de Deus presentes nos textos suscitaram perguntas como: qual é o grupo social que está por trás da redação final de 1Sm 1,1-28, e

quais os interesses desse grupo? O que e a quem esta imagem tão violenta de Deus está justificando?

Nossa busca de respostas a tais perguntas tem como objetivo fundamental contribuir para a desconstrução dessa imagem de Deus, fabricada pelo sistema, que falsifica a realidade, legitima a opressão e a exclusão das pessoas causando sofrimento. E, ao mesmo tempo, nós queremos anunciar a Boa Nova do Deus da Vida, o *absolutamente Outro* — princípio crítico que está fora do controle do sistema e que se revela nos excluídos e excluídas do próprio sistema.²

2 Esse Deus vivo subjaz às diversas manifestações e expressões religiosas de pessoas e grupos. Cf. M. HORKHEIMER, *La nostalgia del totalmente Altro*. Brescia. Queriniana, 1990. E. LEVINAS, *Le temps et autrui*. Paris, Arthaud, 1947. E. DUSSEL, *Filosofia da libertação*. São Paulo, Loyola, s/d. P. TILLICH, *Teologia sistemática*. São Paulo, Paulus, 1984.

Perseguindo este objetivo básico, colocamo-nos à procura de respostas às perguntas suscitadas por 1Sm 1,1-28, a partir da vida concreta de Teresa, de Ana e de tantas outras Teresas e Anas. Nessa busca, a primeira coisa a ser considerada é que o livro de Primeiro Samuel, no qual está inserida a história objeto de nossa pesquisa, faz parte do conjunto de livros:: Josué, Juizes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, que formam a conhecida Obra Histórica Deuteronomista ou OHD, como chamaremos daqui para frente.

Essa obra passou pelas mãos de diversos redatores, em diferentes etapas históricas. Uma leitura atenta de 1Sm 1,1-28, nos permite suspeitar que sua redação final é obra dos redatores deuteronomistas da época de Josias, como justificativa ideológica de sua reforma político-religiosa.³ Ideologia esta, fundamentada na teologia deuteronomista da fé em YHWH, o Deus único, cuja morada exclusiva é o Templo (cf. Dt 14,22; 1Rs 8,14,21). Esse Deus é fonte de bênção que se traduz em vida, fertilidade, saúde e prosperidade para aqueles e aquelas que obedecem a Lei (cf. Dt 4,1-8; 8,3). Tudo isso mediado pela casa davídica, com a qual YHWH fez aliança eterna (2Sm 7,1-16).

3 Cf. N. LOHFINK, "The Cult Reform of Josiah of Judah: 2Kings 22-23 as a Source for the History of Israelite Religion". Em P. D. MILLER JR. — P. H. HANSON — D. MCBRIDE (Eds.), *Ancient Israelite Religion*. Philadelphia, Fortress Press, 1987, p. 464.

Existem várias teorias a respeito da formação da OHD. Vamos apresentar as teorias mais significativas.

A OHD E SEU PROCESSO REDACIONAL

Entre as diversas teorias sobre o processo redacional da OHD, destacamos a teoria da redação única de Martin Noth e a teoria da dupla redação de Franco Moore Cross.

4 Cf. M. NOTH, *Überlieferungsgeschichtliche Studien: Die sammelnden und bearbeitenden Gechichtswerke in Alten Testament*. Tübingen, Max Niemeyer, 1967

Martin Noth⁴ afirma que antes do exílio não havia livros independentes ou documentos com descrições do período que vai dos juizes à monarquia, mas somente fragmentos e pequenas obras. Esse complexo material literário, abrangendo séculos de história, foi compilado fora da Palestina, provavelmente na Samaria, na segunda metade do exílio babilônico, por um único redator, a quem ele denomina de *deuteronomista*.

Para Martin Noth a OHD, nas suas origens, iniciava com o livro do Deuteronomio, onde se encontram os elementos teológicos, segundo os quais o deuteronomista interpreta e avalia a história: fé no Deus único, um só lugar de culto, obediência à Lei (do Deuteronomio) e um rígido sistema de recompensa e castigo ao qual chamamos de Teologia da Retribuição. Mais tarde o livro do Deuteronomio foi separado do grande conjunto da OHD e se tornou a conclusão do Pentateuco ou uma espécie de “ponte” entre o Pentateuco e a OHD.

A teoria de Noth tem vários seguidores, mas também encontrou opositores, como o pesquisador Franco Moore Cross⁵, que propõe a teoria da dupla redação.

Cross concorda com Noth quanto à existência de fragmentos antigos, porém, não aceita a hipótese de um único redator durante o exílio e apresenta a proposta da dupla redação:

a) A primeira edição da OHD foi feita durante o reinado de Josias (640-609 a. C.). Segundo Cross, ela é caracterizada pela propaganda político-religiosa, como apelo à conversão de Judá e por um convite às tribos do norte para reconstruírem a unidade dos dois reinos como no tempo davídico. Esta primeira edição (Dt1) enfatiza o Templo de Jerusalém como o único lugar de adoração a YHWH e insiste na fidelidade ao rei davídico. Essa edição põe em confronto dois temas: *o pecado de Jeroboão e a fidelidade de Davi*, que chega ao auge com Josias. Dois princípios teológicos pervadem estes temas: a teologia deuteronomica da Aliança e a escolha divina de Jerusalém, a Cidade Santa, e do Templo, como único lugar de culto (cf. Dt 14,22). Esses dois temas refletem os principais interesses da OHD e fazem dela a mais importante obra de propaganda e sustentação da reforma de Josias (2Rs 22-23) e de seu programa imperialista, de reconquistar o norte e ser um novo rei Davi.

b) A segunda edição da OHD (Dt2), conforme Cross, aconteceu durante o exílio. O objetivo dessa segunda edição é justificar a falha da reforma josiânica e o desastre do exílio como castigo de YHWH por causa da desobediência de Israel e de Judá à Aliança. Para isso o redator reelaborou e adaptou os livros da OHD de acordo com as necessidades histórico-sociais e religiosas daquele momento.

Por volta do ano 400 a.C., os textos da OHD foram retrabalhados e finalmente concluídos pelos escribas da corte de Esdras.

Embora alguns comentaristas atuais permaneçam fiéis à teoria da redação única, outros, por exemplo, Norbert Lohfink⁶,

5 Cf. F. M. CROSS, “The Themes of the Book of Kings and the Structures of the Deuteronomistic History”. Em F. M. CROSS (Ed.), *Canaanite Myth and Hebrew Epic: Essays in the History of the Religion of Israel*. Cambridge, Harvard University Press, 1973, pp. 227-289.

6 Cf. N. LOHFINK, “Deuteronomy”. Em C. KEITH (Ed.), *IDBSupp*. Nashville, Abingdon Press, 1985, p. 229-232.

defendem a hipótese das várias camadas. Segundo tais estudiosos esse trabalho não é obra de um único redator, mas de uma escola de redatores que eles denominam *escola deuteronomista*. Essas camadas foram elaboradas em diferentes momentos da história, em resposta a necessidades sociais e religiosas do momento. Isso nos permite entender o porquê das repetições e mesmo contradições presentes num mesmo livro e até num mesmo texto da OHD.

A estrutura do primeiro livro de Samuel, bem como do texto em estudo, reflete a mão do redator deuteronomista josiânico e os interesses ideológicos da corte de Josias. É a partir desta concepção histórica e redacional da OHD, especialmente dos interesses do redator josiânico, que propomos o estudo de 1Sm 1,1-28. E o primeiro passo na verificação de tal proposta é a análise do texto em si.

APROXIMANDO-NOS DE 1Sm 1,1-28

Traduzindo 1Sm 1,1-28 — a história da gravidez de Ana — percebemos que o texto traz muitas referências ao seu corpo (v. 7.8.9.12.13.18.19.20.22.23.24) e aos seus sentimentos, à sua dor, expressos no choro (v. 7.8.10), no conflito pessoal e interpessoal (v. 5-8). Tudo isso causado por YHWH, o Deus único, que reside no Templo. Ele é a fonte da bênção e da fertilidade. Com seu poder absoluto, fechou completamente o útero de Ana (v. 5-6).

Verificando a coesão interna da narrativa constatamos que se trata de uma história completa em si mesma, com começo, meio e fim. Várias palavras e expressões se repetem articulando a narrativa. A questão da descendência é o fio condutor da história. Essa questão e seus mediadores dão coesão interna ao conjunto da história que chamamos: a gravidez e Ana.

Já nos v. 1-2 encontramos a palavra filho ou criança seis vezes. Nos v. 3-8, o termo se repete três vezes. A preocupação com a descendência é o cerne dos v. 9-18, onde encontramos o voto e a promessa de Ana pedindo uma *semente de homens*, a YHWH dos Exércitos, no Templo. A idéia da descendência masculina ainda é indicada três vezes, nessa seção, por meio de pronomes. Nos v. 19-23, o verbete *filho* aparece duas vezes, é apontado ainda pelo nome do menino Samuel e cinco vezes indicado por meio de pronome. Nos v. 24-28, temos duas referências ao filho através do verbete *menino* e cinco menções por meio de pronomes.

Os mediadores dessa descendência são: YHWH, Ana e Elcana. YHWH é citado nessa perícopé de 28 versículos, 23

vezes, duas das quais com nome de *YHWH dos Exércitos*, que aparece pela primeira vez na Bíblia no v. 3, do capítulo que ora estudamos e, na segunda vez, no cerne de nosso texto: v. 11, onde acontece o voto de Ana. O nome de Ana é colocado dez vezes, enquanto o de Elcana é mencionado apenas seis vezes. Fica claro que os protagonistas da história da gravidez de Ana são: YHWH, que detém o poder de fechar e de abrir o útero, e Ana, que consegue obter a bênção da fertilidade — *uma semente de homem* — mediante voto e promessa (v. 11).

Em se tratando da coesão externa da história, o texto apresenta uma estrutura muito bem montada. Observando a dinâmica do texto, especialmente a mudança de tempo e de local, percebe-se que o redator estruturou-o em camadas paralelas, colocando no centro o cerne da história. É o que comumente chamamos de quiasmo, ou estrutura concêntrica, e, neste texto, pode ser esquematizado da seguinte forma:

- A. v. 1-2: introdução: sem filho, sem esperança
- B. v. 3-8: esterilidade, raiva
- C. v. 9-18: oração, voto, promessa.
- B'. v. 19-23: nascimento, alegria
- A'. v. 24-28: conclusão: mãe, com esperança

Os v. 1-2 introduzem a história apresentando o problema chave: a mulher Ana sem filho, sem esperança. A perícopes seguinte v. 3-8 apresenta a causa do problema e suas conseqüências: YHWH fechou por completo o útero de Ana e por isso ela sofria com sua rival Penina. O terceiro bloco que vai do v. 9 ao v. 18, coloca a busca de solução. Ana, na sua aflição, dirige-se a YHWH. Os v. 19-23, em oposição aos v. 3-9, colocam que YHWH se lembra de Ana, ela fica grávida e nasce Samuel. A última perícopes é constituída dos v. 24-28, que estão em oposição à cena inicial, v. 1-2: Ana apresenta seu filho a Eli para o serviço permanente do Templo.

Este esquema deixa visível o conjunto nuclear da história: a oração, o voto e a promessa de Ana. Irritada pela esterilidade, Ana vai ao Templo orar a YHWH dos Exércitos, pedindo um filho. Em troca, ela faz um voto para devolvê-lo a YHWH para o serviço permanente do Templo. Em torno desse voto, o redator estruturou de forma quiástica o texto de 1Sm 1,1-28. As idéias estão organizadas paralelamente, tendo no centro a mensagem principal: oração, voto e promessa — elementos-chave da teologia deuteronomista.

CONTEMPLANDO PALAVRAS-CHAVE DE 1Sm 1,1-28

A análise semântica das palavras trouxe à tona elementos muito importantes. O primeiro termo que merece destaque é o

verbo: *shahah*, prostrar. Em 1Sm 1,1-28, o verbo prostrar é usado em três momentos-chave do texto: v. 3, introdução; v. 19, passagem da perícopes central para a quarta perícopes; v. 28, conclusão da história. Como já dissemos, este termo, na função de verbo e substantivo é citado cento e setenta vezes na Bíblia Hebraica. Sendo que cinquenta e quatro dessas citações estão na OHD! Dezoito vezes o termo se refere a Deus, ora condenando ou advertindo contra o perigo de culto a outros deuses, ora insistindo na adoração e culto a YHWH, o Deus único (2Rs 17,35-41; 18,22).

Em 1Sm 1,3 esse Deus é chamado pela primeira vez de *YHWH dos Exércitos*. Tal expressão foi apropriada pelos deuteronomistas para justificar a permanência da linhagem davídica no trono de Israel, como se pode observar em: “O teu nome será exaltado para sempre, e dirão: YHWH dos Exércitos é Deus sobre Israel. A casa do teu servo Davi subsistirá na tua presença” (2Sm 7,26). A expressão *YHWH dos Exércitos* está ligada à Arca, um dos símbolos de algumas tribos do centro da Palestina, no período do Israel pré-estatal. A Arca foi apropriada por Davi (2Sm 6) e se tornou a força ideológica de sustentação da monarquia emergente.

A preocupação com o Templo aparece clara em nosso texto. No v. 9 o santuário de Silo é designado com a expressão: *hekhal* YHWH — “santuário de YHWH”, maneira típica dos deuteronomistas se referirem ao Templo do Senhor conforme encontramos em 1Rs 6-7, por exemplo. É importante observar que quando um mesmo texto traz o termo *hekhal*, “santuário” / “templo” (v. 9), e o termo *bayit*, “casa” (v. 7), para falar da “casa de YHWH”, o termo *hekhal* refere-se a uma sala maior dentro do Templo do Senhor.

Podemos conferir esta nuance nos livros de Ez 41 e 2Cr 3-4. A construção do Templo consiste em duas partes: a grande sala de culto designada pelo termo *hekhal*, e o verbete hebraico *debir*, ou seja, a sala detrás da qual estava o santuário mais interior ou o local próximo ao santo dos santos, lugar da Arca de YHWH (1Rs 6,1-36).

Seguindo esta linha de pensamento, podemos concluir que o redator, ou os redatores, de 1Sm 1,9 quando utilizam o termo *hekhal*, querem indicar a sala maior dentro do Templo do Senhor, uma vez que na mesma história temos o termo *bayit*, “casa” (v. 24). Portanto, torna-se evidente que a pessoa que redigiu a perícopes não queria falar em santuário mas em Templo. Este é um dos elementos importantes para afirmar que 1Sm 1,1-28 está intimamente relacionado com a redação deuteronomista.

Isto se confirma com o uso da palavra *limiar* que é usada para se referir à porta da sala maior do Templo. No Templo de YHWH está Eli assentado na *cadeira* ou *trono*, designado pelo termo hebraico *kisse* (v.9). Pesquisando as diversas citações deste termo, percebemos que sua maior incidência nos textos do Antigo Testamento se dá na literatura deuteronomista enfocando o trono real, especialmente a dinastia davídica. Assim podemos intuir que o redator quis destacar a posição de Eli como aquele que ocupa o trono sacerdotal, no Templo, com um poder equivalente ao de um rei.

No Templo, sob o monopólio da casa davídica, habita YHWH, segundo a teologia deuteronomista: um só Deus, um só santuário, um só culto (Dt 16,16; 1Rs 8,35). Esse Deus tem o controle da natureza, das plantas, dos animais e dos seres humanos. Ele concentra todo poder de fertilidade e de bênção. A esse YHWH que lhe fechou o útero, Ana faz uma oração silenciosa e um voto de entregar o filho, em troca de *semente de homens* (v. 11).

A pesquisa da palavra *voto* também nos trouxe informações interessantes. O voto, dentro do contexto da literatura bíblica, é regulamentado pelas leis do Deuteronomio. É um ato voluntário, porém, uma vez pronunciado deve ser cumprido. Não cumpri-lo equívale a uma profanação, a um pecado religioso (Dt 23, 22; Sl 22,26; Is 19,21; Jó 22,27). O não cumprimento do voto implica em castigo de YHWH: (Dt 23,22). Não se cogita a idéia de YHWH não ouvir a súplica feita (Nm 21,2; Sl 61,6). Conforme as leis contidas no Deuteronomio os votos, como os outros sacrifícios, devem ser cumpridos no santuário central (Dt 12, 6.11.17.26).

No Antigo Testamento distinguem-se duas modalidades de votos: incondicional e condicional. O voto incondicional era um ritual que fazia parte dos costumes do povo (1Sm 1,21; Jn 1,16). Em contrapartida o voto condicional é um pedido à divindade para conceder uma graça especial em troca de um dom determinado: *Se Deus der (...) então eu farei*. Esta fórmula está na essência deste tipo de voto. O voto condicional era feito em situação de necessidade, ligado à falta de filhos, como por exemplo, o caso de Ana (1Sm 1,11; Pr 31,2), em situações de guerra (Jz 11,30), de exílio (2Sm 15,7). Os votos tinham como objetivo ganhar a bênção da divindade. YHWH abençoa e atende a petição feita, conforme o merecimento da pessoa. Todos esses dados vêm corroborar com a hipótese da redação deuteronomista josiânica de 1Sm 1,1-28.

Mais um elemento que nos aponta a mão do redator deuteronomista é o termo *Belial* que encontramos na resposta de Ana à acusação de Eli: *Não julgues a tua serva como filha de*

Belial (v. 16). A palavra *Belial*, em hebraico, *beliya'al*, tem como raiz: *yl*, que significa ser inútil, incapaz, inepto, ineficaz, sem proveito, mesquinho. Este termo aparece vinte sete vezes no Antigo Testamento, quinze das quais, na literatura Deuteronomista, com o sentido de inimigo de Deus e do rei, pois se opõem a seus projetos. Portanto, são perversos, vagabundos e cana-lhas (10,27); ... *a destruição do nosso senhor e de toda a sua casa é questão decidida, e ele é um homem vadio a quem não se pode dizer nada* (25,17); *Todos os malvados e vadios que havia entre os que tinham acompanhado Davi disseram...* (30,22).

Em 1Sm 2,13-17, os filhos de Eli aparecem extorquindo, pela força, a carne oferecida no culto. Eles estão desviando a arrecadação do tributo, e são denominados pelo redator como *filhos de Belial*. Ana não pode receber este título. Afinal, em troca de sua fecundidade ela prometeu entregar seu filho para o serviço permanente do santuário! Dt 13,14 chama de *filhos de Belial* aqueles que seguem outros deuses. Ana é fiel seguidora de YHWH, esse título não se adequa a ela absolutamente, pois Samuel, o filho da promessa, será entregue para o serviço do Templo, conforme lemos em 1Sm 2,11: *Elcana partiu para sua casa em Ramá; o menino, porém, ficou servindo a YHWH, na presença do sacerdote Eli*. E esse menino será o futuro unguidor de reis (1Sm 10,1 e 16,12)

Por último queremos destacar o verbete *naar*, “menino”, que significa varão não-adulto. Este termo aparece quatro vezes em 1Sm 1,1-28 (v. 22.24.25.27). Aqui ele se refere a uma criança pequena, em fase de lactação e que ainda não sabe falar. Mas no conjunto da literatura deuteronomista, em se tratando do contexto da monarquia, esta palavra é usada para designar aquele que pode fazer um serviço oficial, sucessor, algo importante, podia ser moço/servo/soldado/oficial, como se pode observar, por exemplo, em 1Sm 14,1.6: *Um dia, Jônatas disse ao seu escudeiro: vamos...*; e 1Sm 17,33: *Mas Saul respondeu a Davi: ‘Tu não podes ir contra esse filisteu para lutar com ele, porque não passas de uma criança’*.

O uso da palavra menino, feito pelos deuteronomistas, fica confirmado pelo fato de Samuel ser oferecido para YHWH por todos os dias de sua vida (v. 28). Ou seja, o filho homem de Ana, pedido a YHWH, deve ser devolvido a ele para o serviço permanente do sistema em vigor. Tais indicações nos remetem ao tempo da monarquia em que YHWH é o grande rei, pai e protetor do monarca em exercício, a quem são conferidos todos os poderes sobre o povo (cf. 2Sm 7; Sl 89).

Analisando as palavras-chave da narrativa de 1Sm 1,1-28 percebemos indícios de um javismo bem desenvolvido, tais como: presença marcante do Templo e insistência em YHWH,

Deus único, segundo os moldes da Teologia da Retribuição. Estes elementos nos apontam a sociedade do tempo de Josias que está por trás da redação do texto.

Para verificarmos melhor esta hipótese convém contemplar o texto no seu conjunto e analisar o seu movimento interno. É o que vamos fazer no próximo passo.

Concluída a análise semântica das palavras, passamos à análise semântica do texto.

OLHANDO COM A LUPA O MOVIMENTO DA NARRATIVA DE 1Sm 1,1-28

A análise semântica das palavras-chave de 1Sm 1,1-28 traz à nossa vista um jogo de palavras e expressões que nos apontam o movimento do texto. É o que chamamos de análise semântica do texto.

Vejamos alguns exemplos:

Ana (v. 2.5)	X	Penina (v. 2.4)
Sem filho (v. 2)	X	com filho (v. 23)
Esterilidade (v. 5.6)	X	fertilidade/nascimento (v. 19.20)
Coração triste (v. 8)	X	o rosto não era mais o mesmo (v. 18)
YHWH fechou o útero (v. 5.6.)	X	YHWH se lembrou dela (v. 19)
Humilhação (v. 5.6.7.8)	X	graça, alegria (v. 18.19)

Observando esses dois grupos de palavras, pode-se perceber que estão em oposição entre si. Comparando com a estrutura do texto, cujo centro é a oração, voto e promessa de Ana a YHWH dos Exércitos, no santuário — Templo (v. 11), vamos constatar que esse é o eixo da mudança. Ou seja, a mola propulsora do movimento do texto é YHWH, o Deus único, fonte da fertilidade, que habita no Templo.

Para o redator, esse YHWH é o eixo da mudança que se processa em Ana, a mulher estéril, que através do voto e da Aliança com YHWH se torna fértil. Nesse YHWH está concentrado o poder de abrir e de fechar o útero (Gn 16,2). Mais, ainda: o poder de fechar ou de abrir o útero sob condição de bênção ou de maldição (Gn 20,17-18) que atinge plantas, animais e até a consciência de seres humanos (cf. Dt 13,2-19)!

Na perspectiva do redator, Ana sai do Templo transformada! Esta transformação justifica a entrega do filho para o sistema. No Templo o menino foi pedido e concedido. Logo para lá ele deve ser devolvido!

PERGUNTAS QUE BROTAM DA REFLEXÃO DE 1Sm 1,1-28

A análise semântica das palavras, bem como a análise semântica do texto nos indicaram elementos da teologia deuteronômista, cujo enfoque principal é o Templo, como residência de YHWH, o Deus único que fez aliança com o povo através da casa davídica. Esse Deus, mediado por seus representantes oficiais, detém o poder de bênção e de maldição sobre a vida das pessoas, sob condição de prática ou não prática da Lei.

Estes elementos serviram de sustento ideológico para a reforma político-religiosa de Josias, na centralização do Estado de Judá. Portanto, por trás da redação do texto existem claros indícios dos interesses da elite dirigente que construiu uma ideologia sob medida para sustentar seu projeto. Mas... como fica o povo que carregou nas costas as conseqüências dessa reforma?

Como entender o mecanismo de funcionamento do Templo lugar de Oração e de encontro das pessoas entre si e com Deus, mas ao mesmo tempo, centro econômico, social e político? Qual a interferência de tudo isso na vida diária das pessoas, sobretudo dos camponeses e camponesas? Quais as implicações da reforma de Josias na vida da Casa, da família, da aldeia? Sobretudo, qual a interferência dessa imagem de YHWH no relacionamento das pessoas consigo mesmas, com o outro, com a natureza e com a própria divindade?

Como se pode observar, a busca de resposta às indagações de Tereza, fruto de sua dor, comparada com o sofrimento de Ana, em 1Sm 1,1-28, suscitou novas perguntas... É como se costuma dizer: *Não há caminho pronto. O caminho se faz ao andar...*

E POR FIM, MAIS UMA PALAVRA DE TEREZA:

Fiquei longos anos encurvada, como aquela mulher do Evangelho. Eu me sentia uma pessoa incapaz de tudo. Mesmo depois de ser mãe, eu ainda sentia: Você não serve para nada, só cozinhar, lavar e cuidar dos filhos. Tive os quatro filhos desse jeito. Eu sempre fui católica. Posso dizer que minha mãe, mulher analfabeta e cheia de fé, foi minha primeira catequista. Ela era benzedeira muito devota de Maria. Ela apagava fogo com reza. Ela ajudava todo mundo, era mãe de todos. Cresci assim. Eu não ia à missa, a não ser nas festas. Só que, chegando aqui em São Paulo, eu adoeci, tive o mosaico de câncer, problema de cabeça, quase fiquei louca. Aí eu me voltei para Deus. Nos sermões do Pe. Ângelo, fui me encontrando: cristão só de missa não é cris-

tão. É preciso ter oração e prática. A Igreja estava cheia de cristãos sem prática. Aí ele citava os movimentos, os grupos: catequese, grupo de rua, pastoral da caridade. Aquilo entrava em mim como se fosse uma espada, varando o meu ouvido. Eu nasci de novo com a teologia da libertação. Só que eu pensava que os trabalhos de comunidade eram para quem tivesse capacidade. Eu escutava há anos que eu não tinha capacidade. Eu só tinha até a quarta série; só sabia o 'ó' porque tomava café na xícara.

O que me fez ficar de pé foi participar da comunidade onde se insiste que todo mundo tem capacidade. A partir daí, comecei a participar dos grupos de rua, da formação, da catequese. Você tem inteligência e é capaz, o pessoal dizia. Aquilo foi como se pegasse no meu braço e dissesse: levanta e anda. Surgiu a organização do movimento da terra. Eu comecei a participar. Tudo isso foi me levantando. Eu fui dizendo para mim mesma: eu acredito. Com a conquista da casa, encontrei na nova comunidade a mesma linguagem da comunidade anterior: eu tenho capacidade, sou inteligente, sou como todo mundo. Comecei a participar de cursos. Fiz uma semana de tratamento natural: acendeu uma luz. Limpou o corpo, limpou a cabeça. Fui levar minhas crianças à escola e escutei uma mulher na minha idade, dizendo que ia para a escola. Se ela pode, eu também posso, eu pensei. Vou voltar a estudar. Entrei no MOVA (Movimento de Alfabetização para Adultos), para tirar o diploma da 4ª série. Aí não parei mais. Fiz supletivo, prestei vestibulinho para o colégio, passei. Fiz o curso Técnico em Nutrição. Terminando, prestei vestibular para Nutrição, passei, mas não tive condição de pagar. Para não ficar sem estudar, entrei no Curso de Administração. Não tinha nada a ver comigo. Como Direito foi o que sempre me atraiu e como eu estava engajada na luta da terra, mais um motivo para essa busca. Com muita dificuldade, transferi de curso. Estou agora no quinto ano de Direito com a força de Deus e a ajuda de muita gente.

A Deus, fonte de tudo o que traz Vida: Amém!

Ficai sempre alegres, orai sem cessar. Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito, em Cristo Jesus. (1Ts 5,16-18)